

## Resenha

*SILVA, Juremir Machado da. O que pesquisar quer dizer: Como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES. Porto Alegre: Sulina, 2010.*

# DES(EN)COBRINDO OS DESAFIOS E CAMINHOS DA PESQUISA CIENTÍFICA

*Elton Bruno Barbosa Pinheiro<sup>137</sup>*

Motivado pelo complexo e prazeroso desafio que é pesquisar, bem como balizado por suas múltiplas experiências no âmbito técnico e acadêmico, o jornalista e professor Juremir Machado da Silva, doutor em Sociologia e Cultura pela *Université Paris V René Descartes*, docente titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, produziu e publicou, em 2010, pela editora Sulina, a obra que ele mesmo denominou como um possível “manual de antimetodologia”. Trata-se de *O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES*.

É uma obra que tem sua relevância expressa, entre outros pontos, na objetividade com que o autor aborda questões-fantasmas que assombram muitos pesquisadores, sobretudo os iniciantes, e também na forma como ele critica as chamadas metodologias positivistas e ressalta a noção da metodologia “como caminho e caminhada da descoberta.” (p. 18).

Destaque-se a fundamentação teórica na qual está ancorada a miríade de ponderações encaminhadas por Silva em sua obra, como: Martin Heidegger, Edgar Morin, Jacques Derrida, Jean-François Lyotard, Guy Debord, Jean Baudrillard, Paul Feyerabend e Michel Maffesoli.

Já na abertura do livro, o pesquisador gaúcho alerta para uma indiscutível realidade que precisa ser superada nas práticas de pesquisa hodiernas, segundo ele:

---

<sup>137</sup> Doutorando em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB) na linha de pesquisa Políticas de Comunicação e de Cultura. Mestre em Comunicação e Culturas Midiáticas e Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pesquisador do Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina (PPG-FAC/UnB/CNPq) e do Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom. E-mail: eltonbrunopinheiro@gmail.com.

“quase nunca a metodologia deriva do referencial teórico.” (p. 10). Nesse sentido, prontamente, Silva orienta seus leitores sobre a imprescindível necessidade da teoria ser fundamentalmente utilizada nas análises a que o pesquisador se propor a realizar. Ainda nessa abertura, destina uma especial orientação aos acadêmicos das ciências humanas sobre a composição do texto acadêmico: “nada pode ficar sem argumentação.” (p. 12).

No capítulo seguinte, intitulado *Em busca de um caminho*, destaca-se a perceptibilidade de Silva ao afirmar que “a pesquisa traz à luz o que está encoberto por alguma sombra.” (p. 14). Com esta constatação, o referido autor defende que o trabalho do pesquisador se aproxima do trabalho do escritor ou de qualquer outro artista, no sentido de que a sua missão é, também, desvelar, revelar, descobrir, desencobrir, destacar, “iluminar”. Numa metáfora simbólica, segundo ele, “o pesquisador é um cronista do imaginário” (p. 15).

Corroborando Pierre Bourdieu (1997), Silva acredita que, assim como o jornalista, “o pesquisador seleciona e constrói o que vê” (p. 15). O autor compara o interesse do jornalista pelo “extraordinário” com o devir do pesquisador e, ao fazê-lo, nos indaga provocativamente sobre como, enquanto pesquisadores, podemos perceber o que é relevante para a sociedade e não apenas para um observador profissional (nossos pares, por exemplo). Ao nos questionar sobre isso, Silva apresenta estratégias que considera como passos de uma antimetodologia positivista, ou seja, um caminho sistemático e, talvez, imprescindível, para se realizar tanto uma pesquisa de campo, quanto a interpretação de um texto ou de qualquer objeto simbólico: “o estranhamento, entranhamento e o desentranhamento”. (p. 16).

Na terceira sessão da obra, inspirado pela obra de Martin Heidegger, “A questão da técnica” (2002), Silva nos ensina que (a adoção de) uma técnica de pesquisa não é neutra, assim como dissera o filósofo alemão sobre a técnica (tecnologia). De acordo com o pesquisador gaúcho, “uma metodologia (com suas técnicas) forma, conforma e deforma um objeto” (p. 17) e, assim como a opção por determinados aportes teóricos, as nossas escolhas metodológicas e técnicas são capazes de ampliar ou reduzir o que se quer observar. Nesse sentido, aconselha-nos a experimentar o estranhamento, antes de entrarmos no que chama de “desconhecido familiar do cotidiano” (p. 17), como estratégia capaz de nos fazer evitar confundir a descoberta do “correto” com o “verdadeiro”. (p. 18).

Interessante o posicionamento de Silva acerca da metodologia. Ao conceituá-la

como o caminho feito para se chegar às respostas, questiona: “pode-se saber o caminho antes de a caminhada ter sido feita?”. (p. 18). A resposta a esta pergunta torna-se mais clara quando ele, ainda balizado por Heidegger, esclarece que, conforme o seu padrão, “uma metodologia é um conjunto de técnicas e procedimentos que ajuda na ‘pro-dução’ do descobrimento, fazendo a resposta aparecer.” (p. 19). Ressalte-se a crítica feita no decorrer da obra de Silva aos tipos de produção que visam muito mais atender à burocracia e ao produtivismo acadêmico, os quais, segundo ele, muitas vezes, se sobrepõem ao debate de idéias.

Como o objetivo da obra é, de fato, desvendar o que pesquisar quer dizer, torna-se salutar as comparações realizadas por Silva entre o papel do pesquisador e do jornalista, sobretudo quando o referido autor aponta duas constatações: a) “a pesquisa não apenas descreve o objeto. Ela o constrói. O jornalista, portanto, não é o camponês que cultiva a terra, mas o explorador que provoca as energias sociais para alcançar um resultado...” (p. 21); b) tanto se engana o jornalista que crê na neutralidade da técnica, quanto o pesquisador que acredita na neutralidade da metodologia. É preciso, nesse sentido, para não se deixar dominar pelo método, praticar os passos propostos pelo autor: estranhar, entranhar e desentranhar. Importante ressaltar que Silva é explícito ao explicar que pesquisador e jornalista não fazem o mesmo trabalho, pois, ao contrário deste, aquele “deve levar às últimas consequências uma operação de compreensão/explicação.” (p. 28).

Silva enfatiza que o pesquisador em Comunicação, diante das teorias a que está submetido, deve se dedicar ao trabalho simultâneo de “construção”, “reconstrução” e “desconstrução” (p. 23). Outra relevante contribuição do referido autor nessa terceira sessão de sua obra pode ser observada na sua afirmação de que para se evitar a conformação metodológica, considerada a verdade da pesquisa, é preciso “apostar na pluralidade de métodos para que várias interpretações possam conviver e disputar o estatuto de verdade.” (p. 25).

É enfática a sua posição ao defender que a técnica de pesquisa não é a responsável pelo alcance da neutralidade da observação e que os perigos da pesquisa estão relacionados diretamente ao excesso de garantias metodológicas, as quais, segundo ele, podem perigosamente “gerar tranquilidade e conformismo, impedindo a novidade teórica e a troca de lentes.” (p. 28).

No quarto capítulo da obra, *O esquema 3-4-5-6*, Silva, ainda dialogando com o

pensamento heideggeriano, ensina que é preciso revalorizar o fazer ciência de modo simples, isto é, encarar este fazer como “um modo de desvendamento” e um “modo de desvelamento”. Nesse sentido, enfatiza aquilo que se torna imprescindível a um pesquisador ao finalizar a sua pesquisa, sobretudo, saber responder a questionamentos objetivos, como: “o que foi desvendado? o que foi desvelado? O que passou de encoberto a descoberto? o que emergiu? o que veio à tona?” (p. 29). Ressalte-se a colaboração do autor ao nos mostrar a importância de desvendar – observar de modo processual e sistemático o problema de pesquisa – e desvelá-lo, ou seja, revelar novidades ou descobertas a partir dele.

Ao tratar dos problemas e hipóteses, Silva mostra-se sistemático e nos apresenta como formular um problema de pesquisa. Segundo ele, a regra é ser sintético, evitar a prolixidade e estar ciente de que as respostas ao referido problema, ou seja, as hipóteses, as quais existem em tipos diversos, requerem um apurado trabalho de investigação.

No que se refere ao subtópico chamado referencial teórico e metodologia, o autor aponta com maestria que o referencial teórico de um trabalho acadêmico com vistas a obtenção de um título deve servir para que o autor demonstre erudição. Isto é, para que este apresente sua maturidade ao apontar que não está “inventando a roda”, que conhece o que já foi dito. Ao mesmo tempo, elucubra que no fazer científico o pesquisador deve confrontar diversos olhares e ser capaz de: “fazer a mediação entre eles. Superá-los. Gerar uma síntese. Mostrar se eles podem ser dialogicamente antagônicos e complementares. Apontar pontos fortes e fracos em cada um deles.” (p. 36).

Citando três procedimentos de atuação, a obra sugere que o pesquisador interessado em ver o mundo deve fazer de conta que o real existe. Para tanto, ele deve dedica-ser a três situações: estranhar-se, entranhar-se e desentranhar-se, ou seja: fazer perguntas incômodas a si mesmo e aos outros, isso implica em buscar ver “sem as impurezas do olhar familiarizado” (p. 41); “entrar no outro”, “mergulhar no desconhecido”, entrar no objeto e fazer perguntas buscando descobrir, por exemplo, “o subentendido” e refletir sobre o que isso trouxe à tona (p. 43); “voltar ao seu lugar” (p. 44) lucidamente modificado e amadurecido para escrever seu trabalho tendo, de fato, uma tese, algo a dizer e boas idéias, sobretudo, para enriquecer suas análises. Sem isso, segundo Silva, a melhor opção é começar de novo.

A respeito da relação do pesquisador com o objeto, a obra apresenta quatro

dispositivos de explicitação que Silva considera imprescindíveis para tal: a) mostra/demonstrar; b) cobrir/descobrir; c) compreender/explicar; d) composição. Em síntese, tais dispositivos podem ser desdobrados na seguinte sistematização: a) revelar, contar / argumentar; b) participar, imergir, interpretar / criar, produzir; c) desmistificar, desconstruir / transferir, projetar / articular; d) competência para narrar/escrever/tomar posição

Ao assegurar que “na ciência também há lugar para a criatividade, a inventividade e a imaginação” (p. 51), Silva se dedica a ensinar como des(en)cobrir o mundo, ou seja, como, a partir de algumas modalidades por ele articuladas, tirar dele a cobertura do imaginário que, segundo o autor, “é um véu que recobre o fato, transformando-o em acontecimento, dando-lhe espessura simbólica.” (p. 50). Também em síntese, eis a essência de tais modalidades: a) analisar; b) provar e argumentar; c) dedicar-se às releituras; d) mapear desencontros entre discursos e práticas e buscar a(s) raiz(es) de um problema; e) desconstruir para construir.

Para o processo de desvendar/desvelar, Silva apresenta seis operações pontuais e transparentes: a) Cobertura – recobrimento – des(en)cobrimento; b) a legitimação/deslegitimação pelo dado; c) a legitimação/deslegitimação pela autoridade: a citação; d) a legitimação/deslegitimação pelo argumento; e) a relação imaginário e real (todo imaginário é real; todo real é imaginário); f) a diferença entre correto (exato) e verdadeiro. Tais operações merecem ser analisadas pontualmente pelos interessados.

No quinto capítulo da obra, sob o título *Deu no jornal: correto, verdadeiro ou desinformação?*, Silva busca aclarar suas proposições teóricas através de exemplos do mundo real, a partir dos quais desvenda, de fato, os inúmeros e estimulantes conceitos que apresenta, os quais, de fato, merecem ser lidos na íntegra.

Em *Muito além da ABNT*, sexto capítulo da obra, ao abordar as exigências das Normas Técnicas, Silva é bastante crítico e corrobora Morin: “o importante é uma padronização sem mesquinha” (p. 78). Contudo, sugere que pesquisadores se dediquem a aprendê-la ou a se adaptar a ela sempre que preciso.

Com o título *Ensaio, teoria, pesquisa aplicada e de campo*, a sétima sessão do livro é enfática ao abordar e defender que as diversas formas de pesquisa (ensaio, teoria, pesquisa aplicada, de campo) são igualmente boas quando produzem “ideias novas e seminais” (p. 81), ou seja, quando são capazes de fomentar “saber, conhecimento e levar à ciência.” (p. 82).

Na oitava sessão, *As ciências humanas como esporte olímpico*, sem rodeios e com argumentos conectados com a realidade e a atualidade marcadas, sobretudo, pela dinâmica da internet, Silva dispara críticas aos processos oficiais de publicação no Brasil, que considera como anacrônicos e, de certo modo, de encontro à noção de circulação de ideias. Esclarece o papel da CAPES enquanto fomentadora da Pesquisa e condena a visão distorcida em se atribuir a ela o papel de “tribunal epistemológico”. (p. 89). Também é lúcida a constatação do autor de que “a estrutura disciplinar continua a fazer dos campos de conhecimento pequenos currais. Pesquisar com método é essencial. A metodologia, no entanto, deve servir para des(en)cobrir, não para asfixiar.” (p. 89).

O capítulo *Reabertura: síndrome de Mister M., ou o publicitário, o jornalista e o pesquisador* compara o fazer publicitário, o jornalístico e a pesquisa. Nele, Silva encerra sua obra com mais uma objetiva colaboração ao campo científico, apontando e iluminando o caminho do pesquisador, sujeito que, mesmo sem ter o papel “mais simpático” (p.91) entre a tríade anteriormente exposta, é aquele do qual se espera a investigação, a compreensão e a demonstração científica da realidade. Tudo isso, sem demasiadas amarras metodológicas, mas com o devido rigor necessário para, por exemplo, saber enfrentar divergências teóricas e, sobretudo, des(en)cobrir objetos ou fenômenos.

Talvez a única lacuna dessa obra ou, na verdade, uma possível indicação para uma futura reedição, é a indicação de trabalhos acadêmicos cuja qualidade – rigor científico e consciência metodológica – pudessem ser apontados como exemplos concretos. Isso ilustraria e enriqueceria ainda mais o livro que, de fato, é uma relevante contribuição para pesquisadores, cujas mentes e práticas precisam entender que, conforme bem pondera Silva, “pesquisa é isso: fazer emergir algo que não aparece à primeira vista.” (p. 93).